



## A guerra em Gaza

# Netanyahu admite erro em ataque a refugiados em Rafah; 'acidente trágico'

— Declaração do primeiro-ministro foi dada em meio aos apelos internacionais pelo fim da operação militar na cidade palestina; bombardeio de domingo matou 45

TEL-AVIV

Sob uma crescente condenação internacional, o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, disse ontem que a morte de dezenas de civis num campo para refugiados internos em Rafah após um bombardeio israelense foi “um acidente trágico”. O bombardeio na noite de domingo deixou 45 mortos, segundo o Ministério da Saúde da Faixa de Gaza, controlado pelo grupo terrorista Hamas. O Conselho de Segurança da ONU se reunirá hoje para discutir o assunto.

As declarações de Netanyahu foram dadas à Knesset (Parlamento) apenas três dias depois de o Tribunal Internacional de Justiça ter determinado que Israel suspendesse imediatamente sua ofensiva em Rafah, no extremo sul de Gaza. Diplomatas pretendiam reiniciar as negociações esta semana para um acordo de cessar-fogo e libertação de reféns. Não estava claro ontem se seguiriam em frente.

Netanyahu disse no discurso ao Parlamento israelense que o Exército tentou minimizar as mortes de civis pedindo aos habitantes que se retirassem de partes de Rafah. “Mas apesar do nosso esforço supremo para não prejudicar civis não envolvidos, ocorreu um trágico acidente na noite passada (domingo)”, disse. Ele acusou a Hamas de se esconder entre a

população e que dois líderes do grupo foram mortos na ação.

Os militares nomearam os alvos do ataque como Yassin Rabbia, o comandante da liderança do Hamas na Cisjordânia ocupada, e Khaled Nagar, um alto funcionário da mesma ala do grupo. O Hamas não confirmou as mortes.

Vários vídeos do local após o ataque, verificados pelo *New York Times*, mostraram incêndios durante a noite enquanto as pessoas retiravam corpos carbonizados dos escombros, para fora do campo. Pelo menos 249 pessoas ficaram feridas.

Uma autoridade israelense, falando sob condição de anonimato para discutir um assunto delicado, disse ontem que uma investigação inicial dos militares concluiu que o ataque pode ter desencadeado inesperadamente uma substância inflamável no local. Testemunhas descreveram incêndios intensos.

Duas autoridades israelenses disseram que o ataque ocorreu fora da zona humanitária designada que deveria oferecer refúgio seguro aos residentes instruídos a se retirar da cidade, contestando a afirmação do Comitê Internacional de Resgate de que estava dentro da zona segura.

**INVESTIGAÇÃO.** Líderes mundiais pediram uma investigação sobre o ataque e intensificaram a pressão para que Israel ponha fim à campanha militar no sul. O presidente da França, Em-



Palestinos se abraçam em meio a destroços deixados por bombardeio a campo de refugiados internos

manuel Macron, disse que estava indignado e pediu respeito ao direito internacional e um cessar-fogo imediato. “Não há áreas seguras em Rafah para civis palestinos”, disse.

**Alvo da ação**  
**Israel afirma que membros do Hamas se escondiam entre a população e dois deles foram mortos**

O enviado das Nações Unidas para o Médio Oriente, Tor Wennesland, apelou a Israel para realizar uma investigação “completa e transparente”.

Num comunicado, um porta-voz do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca reconheceu que o ataque matou dois terroristas responsáveis pelos ataques de 7 de outubro contra Israel e que o país “tem o direito de perseguir o Hamas”. “Mas, como já deixamos claro, Israel deve tomar todas as precauções possíveis para proteger os civis”, disse Eduardo Maia Silva, porta-voz do conselho.

**INFLEXÃO.** Em outros momentos, no passado, episódios como o de domingo geraram pressão internacional suficiente sobre Israel para pôr fim a conflitos. Durante uma operação con-

tra o Hezbollah no sul do Líbano, em 1996, as forças israelenses bombardearam um complexo da ONU no vilarejo de Qana, matando mais de uma centena de civis refugiados ali. Isso levou a um apelo do Conselho de Segurança da ONU por um cessar-fogo imediato e um entendimento mediado pelos EUA que pôs fim às hostilidades uma semana depois.

Em 2006, durante outro conflito com o Hezbollah, o ponto de inflexão ocorreu quando as forças israelenses bombardearam um edifício residencial de vários andares em Qana, matando cerca de 28 pessoas. ●

NYT, WP e AFP

## Relatório da AIEA

## Irã eleva nível de enriquecimento de urânio e está mais próximo de arma

TEERã

O Irã aumentou ainda mais os estoques de urânio enriquecido a níveis compatíveis com a construção de armas nucleares, segundo um relatório divulgado ontem pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

Teerã espera que as sanções econômicas que foram impos-

tas ao país sejam aliviadas em troca da desaceleração do programa. Os avanços no enriquecimento de urânio iraniano estão sob a supervisão do líder supremo do país, o aiatolá Ali Khamenei. Analistas dizem ser improvável que Teerã mude sua posição depois do acidente que matou o presidente Ebrahim Raisi, no dia 14.

Segundo o relatório, o Irã tem agora 142,1 quilogramas

de urânio enriquecido até 60% – um aumento de 20,6 quilogramas desde a última publicação da agência de vigilância da ONU, em fevereiro. O urânio enriquecido com 60% de pureza está apenas a um pequeno passo técnico dos níveis de 90% necessários para se construir armas.

O Irã tem mantido o seu programa nuclear pacífico, mas o chefe da AIEA, Rafael Mariano

Grossi, já avisou que Teerã tem urânio enriquecido o suficiente – a níveis próximos de usados em armamentos – para fabricar “várias” bombas nucleares se assim o desejar. Ele reconheceu que a agência não pode afirmar com certeza que não há centrifugas sendo usadas em enriquecimento clandestino.

**RETROCESSO.** As tensões aumentaram entre o Irã e a AIEA desde 2018, quando o então presidente americano Donald Trump retirou unilateralmente os EUA do acordo nuclear de Teerã com as potências mundiais. Desde então, o país persas abandonou todos os limites que o acordo impôs ao seu

programa e rapidamente intensificou o enriquecimento.

Nos termos do acordo nuclear original, o Irã foi autorizado a enriquecer urânio apenas até 3,67% de pureza, manter uma reserva de cerca de 300 quilos e utilizar apenas centrifugadoras muito básicas IR-1.

No acordo, firmado em 2015, Teerã concordou em limitar o enriquecimento de urânio aos níveis necessários para a geração de energia nuclear em troca da redução das sanções econômicas. Na época, os inspetores da ONU foram encarregados de monitorar o programa. Em setembro, porém, Teerã decidiu proibir a entrada dos inspetores da AIEA. ● AP